

A ludicidade na aprendizagem de alunos com deficiência visual: a proposta de uma atividade que une a orientação e mobilidade com o Sistema Braille

Playfulness in the learning of students with visual impairment: the proposal of an activity that combines orientation and mobility with the Braille System

Marcelo Miranda Petini¹, Fabio Brandolin², Raffaela Lupetina³

Como citar esse artigo. PETINI, M.
.M. BRANDOLIN, F. LUPETINA, R.

A ludicidade na aprendizagem de alunos com deficiência visual: a proposta de uma atividade que une a orientação e mobilidade com o Sistema Braille. *Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, v. 16, n. 1, p. 209-217, jan./abr. 2025.



Resumo

O presente trabalho tem como ponto de partida a proposta e desenvolvimento de uma atividade prática desenvolvida em uma aula de Educação Física para turmas do quarto e quinto ano do ensino fundamental em uma instituição de ensino especializada, demonstrando o quanto o lúdico se faz importante no processo de ensino aprendizagem da criança com deficiência visual. A utilização de atividades que alieem a ludicidade a este processo, facilita a compreensão de conteúdos, proporcionando sua melhor absorção promovendo um aprendizado significativo. A proposta dessa atividade envolveu também aliar a ampliação do conhecimento de Orientação e Mobilidade (O.M.) e o Sistema Braille no processo de ensino e aprendizagem da criança com deficiência visual. Constatamos que, a participação do professor especializado e da família é fundamental para o desenvolvimento dessa criança, assim como a proposta de atividades que incentivem a autonomia e consciência corporal do aluno.

Palavras-chave: Deficiência Visual; Lúdico; Orientação e Mobilidade.

Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Abstract

This work has as its starting point the proposal and development of a practical activity developed in a Physical Education class for fourth and fifth grade classes of elementary school in a specialized educational institution, demonstrating how important play is in the teaching and learning process of children with visual impairment. The use of activities that combine playfulness with this process facilitates the understanding of content, providing its better absorption, promoting significant learning. The proposal of this activity also involved combining the expansion of knowledge of Orientation and Mobility (O.M.) and the Braille System in the teaching and learning process of children with visual impairment. We found that the participation of the specialized teacher and the family is fundamental for the development of this child, as well as the proposal of activities that encourage the autonomy and body awareness of the student.

Keywords: Visual Impairment; Ludic; Orientation and Mobility.

Afiliação dos autores:

¹Mestrando do Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino na Temática da Deficiência Visual, Instituto Benjamin Constant. Professor de Orientação e Mobilidade do Instituto Benjamin Constant, na Cidade do Rio de Janeiro, no Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Email: marcelopetini@ibc.gov.br

²Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Professor do Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino na Temática da Deficiência Visual Instituto Benjamin Constant, Brasil na Cidade do Rio de Janeiro, no Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Email: fabiobrandolin@ibc.gov.br

³Pós-Doutora em Educação (UFRRJ). Doutora em Educação (UERJ). Professora do Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino na Temática da Deficiência Visual Instituto Benjamin Constant, na Cidade do Rio de Janeiro, no Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Email: raffaelalupetina@ibc.gov.br

Introdução

De acordo com análise de dados sociodemográfico da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNADC), realizada em 2022, cerca de 18,6 milhões de pessoas (8,9%) de dois anos ou mais de idade possuem alguma deficiência.

Ainda de acordo com a PNADC, o percentual de pessoas com deficiência visual (DV) é de 3,1% da população, correspondente a essa mesma faixa etária. Englobando na deficiência visual as pessoas cegas e com baixa visão. Além disso, existe uma comparabilidade entre pesquisas realizadas anteriormente. Foram realizadas mudanças conceituais e metodológicas tais como: “mudanças na redação da pergunta; Corte etário; Novas perguntas – aumento da cobertura (PNADC investigou 8 domínios funcionais, Censo de 2022, 5 e PNS, 6); Adaptação das perguntas para as crianças de 2 a 4 anos idade – Módulo de Funcionalidade Infantil (UNICEF – WG)”.¹ Cabe acrescentar que, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº 9.394 de 1996, em seu Capítulo V, Artigo 59, diz que:

Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação: I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades. (BRASIL, 1996, Art. 59).

O presente trabalho inicia a partir de uma atividade desenvolvida em uma aula de Educação Física, para as turmas do quarto e quinto ano do Ensino Fundamental de uma instituição especializada na educação de pessoas com deficiência visual localizada na cidade do Rio de Janeiro, o Instituto Benjamin Constant (IBC). Nessa aula propôs-se a utilização do lúdico para a formação de conceitos corporais que são importantes para a aquisição e utilização das técnicas de Orientação e Mobilidade (O.M.), e para a iniciação a escrita e leitura do Sistema Braille.

A O.M. é extremamente essencial para o desenvolvimento da pessoa com deficiência visual, assim como contribui para o reconhecimento corporal, noção de espaço e lateralidade, locomoção e, por fim, autonomia e independência (MEC, 2003). E o Braille é o Sistema de escrita e leitura utilizado pelas pessoas cegas, em que consta em pontos em relevo que podem ser sentidos com a ponta dos dedos, permitindo que mesmo com a ausência da visão todo e qualquer texto possa ser lido, desde que esteja transcrito em Braille (ABREU, 2008; LUPETINA, 2019).

Cabe acrescentar que as atividades de O.M. são fundamentais para a formação e aquisição de conceitos corporais que possuem importância relevante para o desenvolvimento de todas as crianças, e principalmente das com deficiência visual.

Dessa forma, o objetivo deste estudo é trazer, a partir de uma atividade desenvolvida com alunos com deficiência visual do primeiro segmento do Ensino Fundamental, a importância da ludicidade, pois através de jogos e atividades lúdicas podemos desenvolver diversos saberes e competências, permitindo a criança com deficiência visual construir uma realidade mais elaborada do contexto em que está inserida.

Para isso, demonstramos uma sequência didática de uma aula de Educação Física, que utiliza o corpo como base, para a construção das letras em Braille em uma cela Braille representada por bambolês. De acordo com Abreu (2008) e Lupertina (2019), a cela Braille, é dividida por duas colunas e três linhas e nesta é possível colocar os pontos que representam letras e números em Braille. Na atividade proposta como campo empírico para esse artigo, essa cela é dimensionada em um tamanho maior com bambolês, permitindo a atividade corporal das crianças com deficiência visual, unindo a ludicidade, a O.M. e o Braille em uma atividade prática.

1. Disponível em: <https://data.unicef.org/resources/module-child-functioning> Na Apresentação – Pnad Continua – Pessoas com Deficiência 2022. Acesso em junho de 2024.

Definindo a Deficiência Visual

A deficiência visual pode ser a perda total ou parcial da visão, cegueira e baixa visão respectivamente, podendo ser congênita ou adquirida. Segundo o Ministério da Saúde, na Portaria nº 3.128 de 24 de dezembro de 2008 (Brasil, 2008), em seu Artigo 1º, inciso 2º, diz:

Considera-se baixa visão ou visão subnormal, quando o valor da acuidade visual corrigida no melhor olho é menor do que 0,3 e maior ou igual a 0,05 ou seu campo visual é menor do que 20º no melhor olho com a melhor correção óptica (categorias 1 e 2 de graus de comprometimento visual do CID 10) e considera-se cegueira quando esses valores encontram-se abaixo de 0,05 ou o campo visual menor do que 10º.

A definição acima citada se refere a orientação legal de cegueira e de baixa visão. No entanto, para desenvolvermos um trabalho com as pessoas com deficiência visual, precisamos também levar em consideração outras classificações respeitando a funcionalidade de cada um. Sobre isso, cabe acrescentar essas definições:

Legal: realizada, preferencialmente, por um médico oftalmologista e corresponde à definição de Cegueira Legal, garantindo direitos previstos na legislação à pessoa com deficiência. **Educacional:** realizada por professores ou outros profissionais com formação na área da DV para avaliar se o aluno utilizará o Sistema Braille ou a leitura em tinta com fonte adequada (atendendo às necessidades educacionais específicas de cada aluno), recursos ópticos e não ópticos e/ou recursos de informática para a leitura e escrita. Essa classificação considera os aspectos funcionais da visão. **Desportiva:** também é realizada por um médico oftalmologista com experiência na área de classificação de atletas com deficiência (IBC, 2022, p.24, grifos nossos).

Todas as definições citadas acima são importantes e devem ser levadas em consideração. Pensando em dar o melhor atendimento para as pessoas com deficiência visual em âmbito educacional, a segunda definição considera de forma mais contextualizada os aspectos funcionais da visão residual, ou seja, o que o aluno pode fazer com este resíduo e como isso pode auxiliá-lo em sua trajetória educacional e em sua vida cotidiana.

A importância do lúdico e da família

A palavra lúdico, adjetivo masculino que tem origem no latim *ludos*, tem um significado que remete a jogos e divertimento. As atividades lúdicas que alegram e divertem, também estimulam o desenvolvimento, afetividade, criatividade e melhoram a autoestima e a socialização. De acordo com Santos (1997):

O brincar ajuda a criança no seu desenvolvimento físico, afetivo, intelectual e social, pois, através das atividades lúdicas, a criança forma conceitos relaciona ideias, estabelece relações lógicas, desenvolve a expressão oral e corporal, integra-se a sociedade e constrói o seu próprio conhecimento (SANTOS, 1997, p. 20).

As citações acima nos fazem perceber que as atividades lúdicas guiadas por um professor e com objetivos bem estruturados, melhoram o desenvolvimento da criança, estimulam o autoconhecimento e a criatividade, facilitando a aprendizagem. E esse desenvolvimento se torna ainda mais importante no

contexto da criança com deficiência visual.

Cabe mencionar que a criança cega, muitas vezes, é desestimulada a realizar atividades que envolvam grandes movimentos, como jogos e circuitos, brincadeiras que são comuns as crianças que enxergam. Tal comportamento pode prejudicar o desenvolvimento dessa criança, sendo esta recusa justificada quase sempre pelo medo do desconhecido ou de se machucar. Neste ponto, o professor é a peça principal desta equação, pois ele deve ter um olhar sempre atento e diferenciado ao lidar com esse público, cabendo a ele acompanhar o desenvolvimento, avaliando os recursos, trazendo atividades que promovam a inclusão e uma aprendizagem significativa, sempre primando pela segurança e cooperação de seus alunos.

A construção de um bom relacionamento entre o professor e a família do seu aluno é primordial para um bom desenvolvimento dele, pois esta é a base de tudo, uma família comprometida com o aprendizado é capaz de fazer toda a diferença na vida de uma criança com deficiência visual. Este professor deve estar aberto a ouvir os anseios, angústias e dificuldades enfrentadas por estas famílias, para melhor poder orientá-las facilitando o aprendizado e o crescimento de seus alunos.

O estreitamento das relações entre as famílias e a escola é um fenômeno que a Sociologia da Educação vem dedicando atenção há algum tempo e, esclarecendo a sua importância no processo de construção de trajetórias escolares bem sucedidas. O valor que a família confere aos estudos, o incentivo e a proximidade dos responsáveis com a escola influenciam positivamente o percurso escolar do aluno (ZAGO, 2012).

Partindo do princípio que o ensino/aprendizado não ocorre somente dentro da sala de aula, este é um processo contínuo que deve ser enriquecido no convívio familiar, possibilitando ao aluno o maior número de experiências possíveis, lhe trazendo oportunidades de vivências diversas, para que ele possa crescer e entender melhor o mundo em que está inserido.

Sequência didática de uma aula de Educação Física utilizando princípios de Orientação e Mobilidade e o lúdico como ferramenta para aquisição de conceitos corporais e iniciação da leitura e escrita do Sistema Braille.

Nesta atividade foram utilizados os seguintes materiais: bambolês, fita crepe e bolas.

Quantidades:

a) Bambolês: 12 unidades, para a confecção de duas celas Braille em tamanho gigante (seis unidades em cada cela).

b) Rolo de Fita Crepe: 1 unidade, para unir os bambolês para formar as celas Braille, e fixá-las no chão para execução da atividade.

c) Bolas: 12 unidades, para a montagem das letras braille dentro das celas braille montadas com os bambolês.

Participaram do estudo uma turma do quarto ano e uma turma do quinto ano do Ensino Fundamental. Das respectivas turmas participaram: sete alunos do quarto ano, e oito alunos do quinto ano, totalizando quinze alunos. Cabe mencionar que, por se tratar de uma instituição especializada, o quantitativo médio de alunos por turma costuma ser de dez alunos.

Sobre o *feedback* dado pelos alunos em relação a atividade, foi possível notar que a compreensão da dinâmica da escrita e leitura do Sistema Braille ficou mais bem compreendida pelos alunos participantes, visto que a atividade demonstrou na prática como funcionava a relação de inversão dos pontos na escrita para depois ser realizada a leitura.

Cabe explicar que a escrita do braille pode ser realizada pela reglete e punção ou pela máquina de datilografia braille. Quando se utiliza a máquina, ao teclar em uma das seis teclas, o braille imediatamente

“pulsa” em relevo no papel e pode ser conferido com a polpa do dedo. Quando escrito na reglete pelo punção, o papel de gramatura mais grossa é colocado na reglete e, ao pressionar o punção para baixo no papel o ponto é formado. Então depois, vira-se o papel para sentir o relevo dos pontos com a polpa do dedo no processo de leitura.

Sobre a participação da família, cabe mencionar que na atividade realizada não foi incorporada a participação da família. O que ressaltamos para todos os alunos participantes foi que tal atividade poderia ser replicada no ambiente familiar, afim de se promover uma melhor compreensão da escrita e leitura do Sistema Braille.

O espaço de realização das atividades pode ser variado, podendo ser uma quadra, um campo de futebol, uma sala de aula ampla ou até mesmo o pátio da escola, desde que caiba a montagem da cela Braille.

O ‘aquecimento’ é uma etapa fundamental. Essa parte da aula é uma preparação para a atividade. Deve ser realizado um aquecimento com os alunos, como iniciação e reconhecimento dos materiais e do espaço onde será desenvolvida as atividades. Este momento é importante para que o aluno faça a familiarização do ambiente e dos materiais, minimizando sua ansiedade e medo para um bom andamento da aula.

Cabe salientar a importância da atividade lúdica no desenvolvimento da O.M. para a criança cega e como pode ser um facilitador na aprendizagem do Sistema Braille. A atividade lúdica contribui no desenvolvimento cognitivo, na coordenação motora grossa e fina, no estímulo tátil e no reconhecimento do corpo com o ambiente ao redor – que costuma ser um processo mais lento para a pessoa com deficiência visual. Esses benefícios advindos de atividades lúdicas impactarão diretamente na O.M. contribuindo para noção de lateralidade, de rotação de corpo, do uso da bengala, da passagem de braço ao fazer uma fila, entre outros ganhos.

Nessa perspectiva, essas benesses contribuem no aprendizado do Sistema Braille, pois com essa percepção de lateralidade e desenvolvimento da coordenação motora e estímulo tátil, favorecem o reconhecimento dos pontos em Braille pelos dedos da criança cega, assim como contribuem na concretização da escrita Braille tanto através do instrumento do punção e reglete, como através da máquina de datilografia Braille.

Reconhecimento do próprio corpo para a pessoa com deficiência visual

Nesta parte da atividade o aluno é levado a trabalhar com seu corpo, fazendo com que ele reconheça segmentos corporais, para que ele inicie o reconhecimento do próprio corpo e o corpo do outro, partindo das partes para um todo, ou seja, reconhecimento dos segmentos. Assim, podemos sugerir atividades como o reconhecimento da perna direita e da perna esquerda, reconhecimento do braço direito e do esquerdo, e assim por diante, seguindo com o aquecimento, o aluno é levado a trabalhar com o corpo como um todo. Para além dessas, pular para dentro e para fora do bambolê, passar o bambolê pelo próprio corpo e pelo corpo do colega etc.

Depois pode-se realizar uma brincadeira em equipe formando uma fila com alunos com as mãos dadas, orientando que eles passem o bambolê do início até o final da fila sem que eles soltem as mãos. A mesma atividade pode ser desenvolvida com os alunos formando um círculo e passando o bambolê do seu corpo para o corpo do colega.

O desenvolvimento da atividade principal se dá após o reconhecimento pelos alunos dos segmentos corporais e familiarizados dos materiais e do espaço, que serão utilizados na aula. Pois isso trará mais confiança, segurança e autonomia para os alunos.

Montagem da cela Braille com os bambolês

Os alunos, com o auxílio do professor, serão encorajados a montarem a cela Braille, unindo os seis bambolês utilizando a fita crepe. Para que se possa utilizar melhor a cela Braille, a mesma pode ser fixada ao chão com a mesma fita crepe. O professor deve posicionar as celas Braille e informar aos alunos a posição correta de cada ponto.

Cabe explicitar de forma mais detalhada como se desenvolve o ensino da leitura e escrita do Sistema Braille, para que possa ficar mais compreensível a proposta da atividade, que une o Braille com a ludicidade e a orientação e mobilidade.

O Braille é um Sistema de escrita e leitura criado pelo Louis Braille e composto por 63 sinais. De acordo com o material desenvolvido pelo Ministério da Educação “Grafia Braille para a Língua Portuguesa”:

O sistema de escrita em relevo conhecido pelo nome de “Braille” é constituído por 63 sinais formados a partir do conjunto matricial = (pontos 123456). Este conjunto de seis pontos chama-se, por isso, sinal fundamental. O espaço por ele ocupado, ou por qualquer outro sinal, denomina-se cela braille ou célula braille e, quando vazio, é também considerado por alguns especialistas como um sinal, passando assim o sistema a ser composto por 64 sinais (Brasil, 2018, p.17).

Essa chamada “cela Braille” é estruturada em formato de duas colunas e três linhas (totalizando os seis pontos de uma cela cheia). Dessa forma, a proposta da atividade demonstrada a seguir na Figura 1 mostra exatamente a posição de uma cela em Braille, só quem um formato ampliado em bambolês, ao invés de pequenos pontos em relevo no papel.



Figura 1. Cela braille gigante montada no chão utilizando bambolês

Fonte. Arquivo pessoal

O professor pode iniciar a brincadeira utilizando só uma das celas Braille, e depois separar a turma em equipes para realizar uma competição utilizando as duas celas. É importante que antes de iniciar a

atividade o professor posicione as celas Braille e informe a posição destas aos alunos.

1º) O professor define quais alunos serão os pontos, informando ao aluno que ponto ele representará.

2º) Após a definição de cada ponto com seus respectivos alunos, o professor posiciona cada aluno na posição correspondente na cela Braille.

3º) A brincadeira inicia-se com os alunos afastados da cela braille, após o professor indicar a letra e quais pontos são utilizados para formá-la, os respectivos alunos procurarão sua cela e suas posições correspondentes para a formação da letra indicada pelo professor.

O professor pode ir aumentando a dificuldade gradativamente, caso a turma já tenha um bom conhecimento do Sistema Braille, neste caso o professor pode informar somente a letra sem dizer quais pontos ele utiliza para ser montá-la.

Após essa iniciação, o professor pode dividir a turma em duas equipes, que competirão entre si, formando a letra o mais rápido que puderem em suas respectivas celas, e da mesma forma pode ir aumentando a dificuldade gradativamente dando mais ou menos informações para a construção da letra dentro da cela Braille. Cada equipe deverá formar a letra que o professor indicar em sua respectiva cela. Caso a turma não possua alunos suficientes para a formação de duas celas Braille, ou seja, não tenham 12 alunos, as letras podem ser formadas com as bolas.

Sobre a importância da presença da Orientação e Mobilidade na atividade desenvolvida, cabe salientar que, para um bom desenvolvimento das atividades de Orientação e Mobilidade e para o aprendizado da escrita e leitura do Sistema Braille, se faz necessário que estejam muito bem incorporados conceitos corporais como: a lateralidade e consciência corporal.

A proposta foi de unir essas duas atividades, em uma aula de Educação Física escolar, para turmas do quarto e quinto ano do Ensino Fundamental, a fim de promover um aprendizado significativo nos alunos participantes da atividade. A utilização do corpo para a formação das letras em Braille dentro de uma cela formada com bambolês promove uma experiência prática e uma vivência corporal significativa, fazendo com que os alunos envolvidos se desloquem para a esquerda e direita, promovendo uma melhor compreensão da lateralidade. O deslocamento para dentro e fora da cela remete a uma consciência corporal e de localização do corpo no espaço. Uma boa interiorização de tais conceitos pode melhorar e facilitar a compreensão e aprendizado dessas duas atividades tão importantes para a pessoa com deficiência visual.

Uma possibilidade de continuidade da atividade, para uma outra aula, pode ser feita com os alunos construindo celas Braille, utilizando caixas de ovos e amassando papéis, formando bolinhas para representarem os pontos. Outra possibilidade de material é utilizar bolas de tênis de mesa para representarem os pontos ou, até mesmo, bolinhas feitas de massinha.

Nessa aula, os alunos trabalharão individualmente formando suas letras em suas próprias celas. Esta atividade estimula a criatividade, a autoestima e a coordenação motora fina, que é primordial para realização da escrita e da leitura do Sistema Braille.



Figura 2. Cela Braille construída utilizando recipiente de plástico e bolas de tênis de mesa

Fonte. Arquivo pessoal dos autores

Acima, na Figura 2, a imagem com o exemplo da criação de uma cela Braille utilizando uma caixa de plástico – a princípio destinada para colocar ovos – e para representar os pontos do Braille, utilizou-se bolas de tênis de mesa. Estando todas as bolas, ou seja, todos os pontos, representaria a chamada “cela cheia”. Caso só tivesse uma única bola no primeiro côncavo do canto superior esquerdo, teríamos a leitura da letra “a” em braille. Dessa forma, variar as posições das bolas representando os pontos em Braille formará diversas possibilidades de letras.

Considerações finais

Nesse texto foi abordado a importância da utilização da Orientação e Mobilidade e de atividades lúdicas no processo de ensino e aprendizagem de crianças com deficiência visual. No caminho percorrido percebemos que tais atividades são de relevância ímpar no desenvolvimento destas crianças, pois possibilitam uma maior participação e inclusão desse público em aulas de Educação Física.

Para que esta inclusão ocorra de fato, se faz necessária uma série de adaptações curriculares, arquitetônicas e pedagógicas. O processo exige não só um professor comprometido com o desenvolvimento do seu aluno, como também a família que é peça chave no desenrolar da jornada escolar.

Podemos perceber que o processo de alfabetização de crianças com deficiência visual perpassa não só pelo professor alfabetizador, este processo pode ser melhorado com a ajuda de outros profissionais presentes no cotidiano escolar, permitindo ao aluno desenvolver sua corporeidade, melhorando sua lateralidade e facilitando o ensino e aprendizagem do Sistema Braille.

Os recursos lúdicos utilizados neste processo podem ser diversos, permitindo que os alunos construam conhecimento com a participação em jogos e/ou atividades em grupo. Tais oportunidades permitem que este aluno se desenvolva socialmente e compreenda melhor o mundo à sua volta. Contudo, se faz necessário oferecer melhores condições e adaptações a fim de se promover um aprendizado significativo

Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse de nenhuma natureza.

Referências

- ABREU, Elza Maria de Araujo Carvalho [et. al.] **Braille!? O que é isso?** 1.ed. São Paulo: Fundação Dorina Nowill para Cegos, 2008.
- BERNARDO, Judas Tadeu Vilar. O lúdico e aprendizagem de crianças cegas: um estudo de caso nas escolas EEIEF Dom Vicente de Paula Araujo Matos e Escola Liceu Diocesano CEI, Crato-CE. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E INCLUSÃO-CINTEDI**, 2014. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2014/Modalidade_1datahora_14_11_2014_22_09_42_idinscrito_3453_bdbf71672d83d19625e670c0b7e43084.pdf Acesso em 30 de maio de 2024.
- BRASIL. **Lei Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF. 1996.
- BRASIL. **Portaria n.3.128 de 24 de dezembro de 2008.** Define que as Redes Estaduais de Atenção à Pessoa com Deficiência Visual sejam compostas por ações na atenção básica e Serviços de Reabilitação Visual. Ministério da Saúde. Brasília, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada. Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Grafia Braille para a Língua Portuguesa / Elaboração: DOS SANTOS, Fernanda Christina; DE OLIVEIRA, Regina Fátima Caldeira – Brasília – DF, 2018, 3^a edição. 95 p.
- DA SILVA, Fabio José Antônio. **O lúdico no processo de ensino aprendizagem das crianças com cegueira.** Assuntos em Educação Especial. 2022. P.64-75.
- Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7020898/mod_folder/content/0/OLDICONOPROCESSODEENSINOAPRENDIZAGEMDAS.pdf Acesso em 30 de maio de 2024.
- IBC. **Rompendo barreiras:** guia prático de orientação e mobilidade do Instituto Benjamin Constant [recurso eletrônico] / Grupo de estudos e pesquisa em orientação e mobilidade. – Rio de Janeiro: Instituto Benjamin Constant, 2022.
- LUPETINA, R. M. Desafios do letramento e da escrita em braille com alunos deficientes visuais. In. SOUSA, Ivan Vale de. **Educação Inclusiva no Brasil:** deficiência visual e tecnologias. vol.3. Coleção Educação Inclusiva no Brasil. 1. ed. - Jundiaí: Paco Editorial, 2019.
- MEC. **Orientação e Mobilidade:** Conhecimentos básicos para a inclusão do deficiente visual/Elaboração Edileine Vieira Machado... [et al.] – Brasília: MEC, SEESP, 2003.
- SANTOS, Marli Pires dos Santos (org.). **O Lúdico na Formação do Educador.** 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- ZAGO, N. A relação escola-família nos meios populares: apontamentos de um itinerário de pesquisas. In. DAYRELL, Juarez, et al. (org.). Família, escola e juventude: olhares cruzados Brasil-Portugal. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 132-150.